

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

# **Banco Palmas: no cenário de exclusão social, acordos de cidadania.**

Fernanda Rodrigues.

Cita:

Fernanda Rodrigues (2009). *Banco Palmas: no cenário de exclusão social, acordos de cidadania*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/542>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# **Banco Palmas: no cenário de exclusão social, acordos de cidadania.**

***Fernanda Rodrigues***

*Doutoranda em Sociologia  
Universidade Federal do Ceará. –Brasil  
fernandarod@uol.com.br*

## **Introdução**

Em Raíssa, cidade triste, também corre um fio invisível que, por um instante, liga um ser vivo ao outro e desfaz, depois volta a se estender entre pontos em movimento desenhando rapidamente novas figuras de modo que a cada segundo a cidade infeliz contém uma cidade feliz que nem mesmo sabe que existe.

Ítalo Calvino, p.135

O artigo que segue são reflexões e diálogos iniciais de uma pesquisa já em andamento. Por esta razão, em alguns momentos meus argumentos acerca do tema serão familiares e ao mesmo tempo confusos. Digo isto por perceber que o percurso do pesquisador deve ser pautado pelo ato de *farejar pistas*, quanto mais complexas forem, provavelmente mais certeza terá de estar trilhando por conteúdos significativos e reveladores de vidas anônimas, despercebidas inclusive, ao faro do pesquisador.

Desse modo, a investigação sociológica requer do pesquisador um *olhar Prolongado*<sup>1</sup> aos acontecimentos corriqueiros e uma postura hermenêutica às narrativas dos informantes. Nesta perspectiva, tenho desde o ano 2000, observado práticas dos moradores do Conjunto Palmeiras, bairro localizado na periferia da cidade de Fortaleza-Ceará, situado no Nordeste do Brasil. Estas práticas são chamadas de “solidárias econômicas”.

Para este artigo tenciono fazer alguns registros que considero relevantes na construção de processos desencadeados pelos moradores do bairro supracitado, desde a sua criação ainda nos anos 70 até o surgimento do Banco Palmas fundado há 10 anos.

### **Cidade Partida, Cidade de Todos: Percursos de um bairro.**

Construir uma cidade, a partir do desejo, tem sido o desafio de muitos indivíduos segregados nas grandes metrópoles brasileiras. Por isso, tentam inserir no espaço de moradia símbolos que representem formas de sentir-se parte desta cidade possível, não apenas no campo da contemplação e dos sonhos. Recriar mecanismos de inserção é um desafio constante. Assim, a cidade, afirma Irllys Barreira (1992, p.35), pode ser considerada um cenário criado e recriado por práticas sociais portadoras de disciplinas ou cenas de rebeldia onde distintos sujeitos sociais elaboram o painel da vida cotidiana. Dentro dessa perspectiva venho analisando a ousadia e rebeldia que pautaram e pautam as práticas do Conjunto Palmeira; como sugere os depoimentos dos moradores:

---

<sup>1</sup> Ver Pierre Bourdieu: **Ofício de Sociólogo**. 2007

## **Depoimentos 1**

O [Conjunto] Palmeira começou em 73 com a desapropriação da terra, com o governo Virgílio Távora e, em 74 começou a vir pessoas pra cá. Quando chegamos aqui no Palmeira, esta casa só tinha um compartimento não tinha água, não tinha nada, só tinha mato. O Palmeira era uma fazenda, passava um rio grande aqui, era de um homem; tinha gado e muitos animais. Com a nossa chegada, foi construído o primeiro colégio chamado Marieta Calls; uns aprendiam o A com a professora e o U com os bois, pela janela. Na época cada um recebeu um pedaço de terra. (Senhor Augusto, morador do Conjunto Palmeira).

## **Depoimento 2**

Depois da luta pelos transportes, começou a luta pela água [ano de 84]. Neste movimento, juntamos quase 600 pessoas, lá tinha todas as categorias envolvidas na luta. Demos um prazo de 30 dias ao governo. O governo não atendeu e voltamos lá, fomos de carroça, a pé ao CAMBEBÁ. Nesta época, o movimento popular estava com toda força. Aí ameaçamos o governo de quebrar os canos que abastecia água para Fortaleza; neste momento, até as mulheres grávidas estavam dispostas a entrar na luta. (Morador do Conjunto Palmeira)

## **Depoimento 3:**

Hoje a Palmeira está uma metrópole porque aqui nem transporte tinha [...] Era só um ônibus, sujo, velho, horrível; você falava em Palmeira as pessoas já tinha preconceito. Hoje eu digo: o Palmeira tem até uma farmácia que me orgulho de ser minha, poder compartilhar, ajudar a comunidade, prestar um serviço [...], antigamente, nem farmácia tinha. A gente procurava um

comprimido para comprar e não tinha. E hoje tem uma farmácia com tele-entrega. Eu me qualifiquei, fiz curso para dar orientação a eles.  
(Comerciante local)

Os registros acima nos possibilitam percorrer diversos cenários de lutas e conquistas, orquestrados pelos moradores do bairro, que movidos pela necessidade e pelos sonhos vem construindo no bairro o “lugar da morada”; De acordo com José de Souza Martins (2000, p. 57) O novo herói da vida é o homem comum imerso no cotidiano. É que no pequeno mundo de todos os dias está também o tempo e o lugar da eficácia das vontades individuais.

Assim, podemos perceber que os depoimentos acima são fragmentos de vidas que pulsam dentro de uma metrópole com cerca 2.431.415 de habitantes (estimativa 2007), onde aproximadamente 1/3 da população de Fortaleza vive em favelas, existentes em quase todas as regiões da cidade e alimentadas pela contínua migração. Segundo dados da Secretaria de Desenvolvimento Econômico da Prefeitura Municipal de Fortaleza o Conjunto Palmeiras pertence à regional VI, (classificação geográfica ordenada pela Prefeitura Municipal de Fortaleza.). A regional possui uma população de 436.204 habitantes; Ocupa a 1ª posição, das demais regionais (que são seis ao todo), de pessoas analfabetas. Tem o terceiro menor número de postos de trabalho formal. Segundo informações do IDH/2000 a regional apresentam um índice de desenvolvimento “baixo”.

É nessa cidade, partida de luxo e miséria, que o indivíduo se torna simples antagonista, reprimindo seus desejos, ou protagonista, enfrentando todos os monstros representados pelo medo. Também é nesse cenário que surgem possibilidades de recriar e reinventar a cidade, deixar fluir os sonhos e desejos, ou, talvez, esses dois sentimentos, como sugere Ítalo Calvino (1999, p.44) :“as cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos”. A cidade seria, portanto, um lugar onde cabem todos, indistintamente. A cidade, dessa forma, é uma construção também de seus habitantes, de sua gente. Ela é plural e dinâmica.

## **Movimentos Sociais: em discussão a cidadania**

A sociedade moderna instituiu novos parâmetros de cidadania quando ampliou direitos e deveres, independente de sexo, religião ou outras condições pré estabelecidas. Com seu advento, quebraram-se hierarquias estáticas, possibilitando uma mobilidade social “em constante processo de redefinição” (Elimar Nascimento: 1998). Por isso, os lugares sociais não são mais, necessariamente, fixos, mas móveis. Essa mobilidade é caracterizada, segundo autor, como “tímida”.

Ao mesmo tempo e, talvez, por isso, evidenciam-se as desigualdades sociais e econômicas existentes. Desse modo, a sociedade moderna se desenvolve com várias tensões em seu interior: de um lado, cria um espaço político de igualdade que é contraditório com o espaço econômico desigual. Segundo Nascimento (1994), o acesso aos bens materiais e simbólicos é sempre desigual, enquanto no espaço público, onde se exerce a política, todos são considerados iguais, como, por exemplo, o valor do voto computado; independente do eleitor ser doutor ou analfabeto este voto terá o mesmo valor.

Essas conquistas importantes, no tocante à cidadania, são resultados de longas décadas de lutas e de resistência, de um ator protagonizador de mudanças na história: os movimentos sociais. O modelo de cidadania exercido no Brasil e no mundo em menor ou maior escala resulta de confrontos entre os atores sociais que, organizados em grupos (sindicatos, associações etc.) e com identidade própria, agem para mudar o espaço social em que vivem.

É necessário ressaltarmos que os resultados das lutas dos trabalhadores nessas últimas décadas tiveram resultados significativos, os quais permitiram o avanço e estenderam a cidadania a setores marginalizados. Foram ainda provocadores no redesenho de políticas públicas que possibilitaram a inserção no mundo do trabalho de setores antes excluídos.

Sobre esse aspecto, afirma Nascimento (1998, p. 17):

O caso do Brasil, todos os movimentos sociais, em suas distintas expressões – lutas operárias, lutas dos trabalhadores rurais, lutas dos moradores de bairro de periferia, lutas das mulheres – tiveram como ponto comum o fato de que impulsionavam a integração social, ampliando os direitos dos cidadãos e ampliando o conjunto dos cidadãos sob o mundo dos direitos.

Assim, os movimentos sociais em seus mais diferentes campos de atuação, imprimiram ao Estado relações, onde se avançaram e ampliaram direitos, configurando o que Nascimento (1998) chamou de “expansão sucessiva de cidadania” e a conseqüente ampliação do espaço público.

Por outro lado, a cultura política dominante no espaço governamental, que fundamenta às políticas públicas, não avançou tanto quanto os movimentos sociais. Essa questão, associada ao processo de globalização, gerou, nos últimos anos, uma maior concentração de renda e, conseqüentemente, uma maior desigualdade social. Cresceu a exclusão, segmentando hoje aqueles que, apesar de pobres, comem todos os dias e moram em barracos ou casas de taipa e aqueles que comem duas vezes ou três na semana e moram em áreas consideradas de risco, como já vimos no capítulo anterior.

Dessa forma, o movimento popular redirecionou sua atuação numa outra trajetória. Os direitos adquiridos em lutas passadas começaram de certa forma, a ser restritos, conformando, dentre os pobres, aqueles considerados “privilegiados”. Viver, por exemplo, numa favela urbanizada tornou-se caro para a população miserável que passou a pagar contas de energia elétrica e de água. Por outro lado, um amplo setor constituído de miseráveis não tem acesso às condições mínimas de uma vida digna.

Falar de cidadania para esta parcela da população pobre e miserável vai para além das ações desencadeadas pelo Estado. Nesse sentido, o movimento popular encarna uma nova postura. Ele cria e instiga novos desenhos de políticas públicas. Ele é o sujeito que elabora, constrói e direciona

as lutas, conquistando localmente. Impondo, assim, novos paradigmas. Essa iniciativa expressa uma ousadia inerente aos movimentos sociais, como afirma Barreira (1992, p. 157):

A gênese dos movimentos urbanos implica a elaboração e reelaboração de conteúdos criados ou assimilados no plano concreto das experiências. Por esse motivo, a criação de um conteúdo político independente, um espaço político diferente ou alternativo às instâncias de poder do Estado supõe a interação de diferentes conteúdos que se atualizam e se modificam em face da emergência dos conflitos tomados em sua dimensão. (BARREIRA, 1992, p. 157).

Tematizando o movimento social popular da década de 90, Luís Razeto (1993) explicita a sua diferenciação essencial da década de 80, pois suas ações passaram a dar ênfase às alternativas solidárias, e partem das necessidades que devem ser trabalhadas coletivamente e não apenas das que são demandadas ao Estado. Os beneficiários serão também os executores da implantação e da gestão do serviço reivindicado. Este processo, segundo Maria da Glória Gonh (2000), constitui-se através de redes, objetivando dar sustentabilidade a dinâmicas locais que passam a girar em torno do fazer, do movimentar processos de produção, que gerem produtos e empregos, na economia informal, na economia popular.

### **Banco Palmas: trajetórias e lutas.**

[...] Eles, os “pobres desnecessários”, projetavam-se à deriva da cidade de exclusão, seus sonhos e desejos, abusavam do entusiasmo e ali no “mundo da vida” recriavam modos de sobrevivência. Em suas falas, não anunciaram o fim do capitalismo! Seu projeto, ao contrário, sugere o fortalecimento do mercado. Mas que mercado seria este? Era o mercado criado a partir das necessidades locais fortalecidas dentro de laços solidários e da cumplicidade. (Diário de campo).

O Banco Palmas foi criado em 1998 pela Associação dos Moradores do Conjunto Palmeiras-ASMOCONP, inaugurando, dentro dos movimentos populares, um novo perfil na luta das associações de moradores, constituindo-se num fato inédito na história das organizações populares no Ceará e no Brasil. Iniciou suas atividades com apenas 10 clientes e um caixa de R\$2.000,00, empréstimo feito ao CEARAH Periferia<sup>2</sup>. Após o quarto mês de sua inauguração, a Associação estabeleceu parceria com organizações de cooperação internacional - OXFAM – GB e GTZ e um novo empréstimo pôde ser feito. O início dessa trajetória foi marcado por muitas incertezas e dificuldades, mas, ao mesmo tempo, a sinergia gerava e impulsionava o grupo a desvendar novos caminhos organizativos, objetivando a geração de trabalho e renda e a satisfação subjetiva dos envolvidos. Ao final de seu primeiro ano o banco possuía em caixa R\$15.000,00 (quinze mil) como afirma um dos coordenadores do bairro, “não foi fácil o primeiro ano, foi preciso conquistar um por um, sem desanimar”. Seu depoimento é confirmado por uma comerciante local: “No começo eu tive medo mesmo, eu tinha medo do banco quebrar e eu ficar com prejuízo; eu tinha medo que o banco não desse certo.”

Hoje, o Banco Palmas tem aproximadamente 1.700 pessoas articuladas por meio, da produção, do consumo e do crédito, tecendo, assim, uma rede a qual é chamada de solidaria econômica, porque viabiliza um novo mercado local, incentivando o consumo com a adoção do cartão de crédito, uma moeda social, uma *griffe* própria, uma central de comercialização de produtos alimentícios e uma feira de produtos locais, dentre outros. “[...] é um espaço prático que está resolvendo o problema de algumas pessoas e que está colocando uma metodologia na contramão da lógica capitalista pautada na solidariedade e na colaboração, que podem desabrochar no grande projeto social dentro e fora do Palmeira.” . Joaquim Neto- Coordenador do Banco Palmas

O Banco Palmas desde sua fundação lança moda no fazer economia, na perspectiva de diminuir as desigualdades sociais e econômicas. Por exemplo, esse tipo de crédito, aparentemente simples, é uma das várias janelas abertas para os moradores do Conjunto Palmeiras no sentido de melhorar a vida no bairro. O Banco possibilitou a criação nesses últimos 10 anos de novos empregos no bairro, potencializou a economia local, oportunizou uma rede que vai desde consumo, da produção e da comercialização, focada segundo os coordenadores do banco na solidariedade econômica.

---

<sup>2</sup> O CEARAH Periferia- Centro de Estudos, Articulação e Referências sobre Assentamentos Humanos é Organização não Governamental, com sede na cidade de Fortaleza-Ceará, foi criada com o objetivo de articular, mobilizar e assessorar o movimento popular.

Segundo ainda o Coordenador o Banco Palmas tem três características centrais que são: 1) a gestão feita pela própria comunidade, inclusive a administração dos recursos; 2) um sistema integrado de desenvolvimento local, que promove o crédito, a produção, a comercialização e a capacitação; 3) e a moeda circulante local - o Palmas, aceita e reconhecido por produtores, comerciantes e consumidores do bairro, criando um mercado solidário e alternativo entre as famílias.

Hoje a moeda é aceita na construção civil, no comércio local como açougues, *bombonieres*, mercearias, transporte coletivo e postos de gasolina.

A moeda Palmas é indexada e lastreada em reais (1 Palmas vale R\$ 1), o que permite aos empreendimentos produtivos da comunidade, como comércio, indústria e serviços, fazer “câmbio” sempre que precisarem repor seus estoques com produtos que não são fabricados no bairro. A moeda já é aceita por 240 empreendimentos, que oferecem descontos de 2% a 15% para quem compra com a moeda do bairro.

(Depoimento da equipe do Banco Palmas)

Ao mesmo tempo em que a moeda social mobiliza e articula os diversos atores sociais, o Palmas condiciona o seu usuário a gastar no bairro e a não acumular, dando condições objetivas de maior mobilização do dinheiro, localmente. A moeda social “obriga” a ação imediata, fundamental no cenário onde ela é pensada e executada. Nesse sentido, a moeda social é um modo de agir coletivo, em que os princípios da ação econômica se formam na experiência concreta e derivam do significado singular, que vai além do padrão das práticas e disposições na vida econômica, sugerindo aos indivíduos uma ação fundada nos princípios coletivos. Os depoimentos reafirmam este aspecto:

Eu entendo que esse negócio de receber em Palma é porque ajuda no bairro. Entendo sim, antes de começar o trabalho, nós tivemos uma palestra sobre esse assunto. A gente pegando esse dinheiro e empregando aqui, tanto a gente tá se mantendo como ajudando

outros que moram aqui. Esse palma traz muito benefício para a população.

(Trabalhador da construção civil)

A moeda é assim, ela vale somente aqui n Palmeira. Eu recebo esta moeda, posso pagar a faxineira, aí esta faxineira vai lá ao meu mercadinho e compra com a moeda, aí pego esta moeda e vou lá à *bomboniere*, compro refrigerante, compro chiclete, compro bala. Se eu quiser comprar material de construção, tem depósito, aí eu compro lá, ou então posso botar gasolina na moto, entendeu? Somente na loja que está credenciada; então esta moeda circula entre os comerciante do Palmeira. (Comerciante local)

Estas práticas desenvolvidas pelo Banco Palmas nos remete a refletir inicialmente sobre algumas experiências desencadeadas em outros contextos sociais (Gonh: 2000), numa perspectiva de desenhar trilhas inclusivas para os pobres e miseráveis. A utilização de uma moeda local pode ser, portanto, um caminho para potencializar uma política de inclusão social, numa tentativa simultânea de ensaios de emancipação e de cidadania vivenciados cotidianamente por seus moradores.

Segundo Antonio David Cattani (2003), emancipar-se significa livrar-se do poder exercido por outros... significa aceder à maioria de consciência. Segundo ainda o autor a emancipação social está vinculada a autonomia.

Assim, penso que a experiência hoje em construção no Conjunto Palmeira, revela-se como umas das mais ricas experiências existentes atualmente no Brasil, entretanto, é algo extremamente complexo e contraditório. Afinal, o que eles estão fazendo é juntar economia e solidariedade. Desse modo, quais os bens simbólicos estão intrínsecos nesta troca? Quando se utiliza o cartão de crédito ou a moeda social que percursos de cidadania estão sendo praticados?

Em pesquisa realizada em 2008<sup>3</sup> com os clientes do Banco Palmas, obtiveram-se os seguintes resultados:

- 98% dos entrevistados consideram que o Banco Palmas contribui para o desenvolvimento do Conjunto Palmeira;
- 90% declararam que o Banco Palmas contribuiu para a melhoria de sua qualidade de vida;
- 26% aumentaram a renda familiar devido à ação do Banco Palmas;
- 22% conseguiram trabalho por meio do Banco Palmas;
- 61% atribuíram notas 9 ou 10 para o Banco Palmas

Entendo a socioeconomia solidária como uma das alternativas possíveis dentro do capitalismo. Nesse sentido, esta prática econômica apresenta uma face “revolucionária”, porque o próprio processo de experimentar formas de produzir diferentes induz à mudança nas práticas cotidianas. Estas mudanças são perceptíveis para alguns atores sociais envolvidos nessa trama. Ela se dá por atos no cotidiano das ações e das relações sociais. Tais práticas geram um campo de possibilidades e de uma maior aproximação entre os moradores de um bairro, no tocante à confiabilidade entre comerciante e consumidor, fortalecimento do comércio local - produção e consumo - ampliando o trabalho e a renda localmente.

---

<sup>3</sup> A Pesquisa foi realizada pela Universidade Federal do Ceará em parceria com o Ministério de trabalho e Emprego.

## Referências Bibliográficas:

- ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto. Moeda social 2. In: CATTANI. Antonio David (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.
- ARRUDA, Marcos. Socioeconomia Solidária. In: CATTANI. Antonio David (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.
- BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. **O reverso da vitrine: conflitos urbanos e cultura política em construção**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1992.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.
- BRAGA, Elza Maria Franco. **Os labirintos da habitação popular** (conjunturas, programas e atores). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Socioeconomia solidária e a questão democrática: desvendando caminhos e utopias**. Artigo apresentado no X encontro de Ciências Sociais Norte e Nordeste, 2003. GT – Democracia e Cidadania participativa.
- \_\_\_\_\_. La acción de la ciudadanía en Brasil: un nuevo diseño de prácticas organizativas en los años noventa.
- **Revista Estudios Latinoamericanos**. Nueva Epoca. Año II, n. 5, 1996.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANCLINI, Néstor Garcia **Consumidores e Cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1995.
- CASTEL, Robert. As armadilhas da exclusão. In: BELFIORE-WANDERLEY, Mariangela; BÓGUS, Lucia; YAZBEK, Maria Carmelita (Orgs.). **Desigualdade e a questão social**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUC, 2000.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição imaginária da sociedade**. Tradução de Guy Reynaud. Revisão técnica de Luis Roberto Salinas Fortes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. Coleção Rumos da cultura moderna, v. 52.
- COELHO, Franklin Dias. Finanças Solidárias. In CATTANI, Antônio David (Org.). **A Outra Economia**. Porto Alegre: 2003.

- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. arte de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.
- DOWBOR, Ladislau. **A reprodução local.** São Paulo: Vozes, 1997.
- DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social.** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental.** 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1999.
- CATTANI, Antonio David. **Emancipação Social.** In: CATTANI, Antonio David (Org.). **A outra economia.** Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.
- GAIGER, Luiz Inácio. **A solidariedade como uma alternativa econômica para os pobres.** Porto Alegre, 2001. Disponível em: <<http://www.ecosol.org.br>>. Acesso em: 12 jul. 2003.
- \_\_\_\_\_ . Empreendimentos econômicos solidários. In: CATTANI, Antonio David (Org.). **A outra economia.** Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.
- GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- \_\_\_\_\_ . A ação da Cidadania contra a Miséria Fome e pela Vida – ou quando a fome se transforma em questão nacional, Luiz Gaiguer (org.), **Formas de combate e resistência à pobreza.** São Leopoldo: Unissinos, 1996
- \_\_\_\_\_ . **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos.** 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- GONDIM, Linda M. P. **O Dragão do lazer e da cultura invade a Praia de Iracema: intervenções urbanísticas como catalisadoras da imagem da 'moderna' Fortaleza.** Fortaleza: EUFC, 1997.
- \_\_\_\_\_ (Org.). **Pesquisa em Ciências Sociais: o projeto da dissertação de mestrado.** Fortaleza: EUFC, 1999.
- LISBOA, Armando de Melo. **Mercado solidário.** In: CATTANI, Antonio David (Org.). **A outra economia.** Porto Alegre: Veraz Editores, 2003a.
- \_\_\_\_\_ . **Solidariedade.** In: CATTANI, Antonio David. (Org.). **A outra Economia.** Porto Alegre: Veraz Editores, 2003b.

- MANCE, Euclides André. **A revolução das redes:** a colaboração solidária como alternativa pós-capitalista à globalização atual. Petrópolis: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_ . **Redes de colaboração solidária:** aspectos econômico-filosóficos: complexidade e libertação. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples:** cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec, 2000.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio Sobre a Dádiva.** Rio de Janeiro. Edições 70, 2001.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. **Hipóteses sobre a nova exclusão social:** dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. Salvador. Cad. CRH, n. 21, jul.-dez., 1994.
- \_\_\_\_\_ . **Ética, cidadania e políticas públicas.** 1998.
- NETO, João. Joaquim; M, MAGALHÃES. Sandra. **Bairros pobres, ricas soluções:** Banco Palmas, ponto a ponto. Fortaleza: 2003
- PRIMAVERA, Heloísa. Moeda social 1. In: CATTANI, Antonio David (Org.). **A outra economia.** Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.
- RAFFESTEIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.
- RAZETO, L. Economia de solidariedade e organização popular. In: GADOTTI, M. & GUTIERREZ, F. (Orgs.). **Educação comunitária e economia popular.** São Paulo: Cortez, 1993. Coleção Questões da Nossa Época, n. 25
- RODRIGUES, Fernanda. **Movimento hip hop - o rap como forma de sociabilidade juvenil.** Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais, UFC, 2000.
- \_\_\_\_\_ . **A socioeconomia solidária:** ensaios de sociabilidade e cidadania no Conjunto Palmeiras. In: MATTOS, Geísa; MATOS, Kelma Socorro Lopes de; CARVALHO, Sandra Maria Gadelha de. **Palmeiras:** registros de cidadania. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2002.
- \_\_\_\_\_ . Palmacard: no cotidiano do bairro, possibilidades de novas relações sociais. In: MELO NETO, Joaquim João; MAGALHÃES, Sandra. **Bairros pobres, ricas soluções:** Banco Palmas, ponto a ponto. Fortaleza: Expressão gráfica 2003.

- SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- SILVA, José Borzachiello da. **Quando os incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza**. Fortaleza: Multigraf Ed., 1992.
- SINGER, Paul. **Utopia militante**. São Paulo: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. Economia solidária. In: CATTANI, Antonio David. (Org). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.
- SINGER, Paul; DE SOUSA, André Ricardo. **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000.
- ZALUAR, Alba. Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo: ANPOCS, n. 35, out. 1997.